



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ  
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - DPPG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “DESAFIOS DO TRABALHO COTIDIANO: A  
EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 10 ANOS”

ALINE FERNANDES FELIX DA SILVA  
ELLEN COSTA MACHADO DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Orientador: Eliane Fazolo

MESQUITA

2009

## RESUMO

A princípio, buscamos em nosso trabalho fazer um histórico cultural sobre o brincar e depois retratar diversos tópicos relativos ao tema como a questão do espaço para brincar, do brincar entre pais e filhos e os muitos benefícios que essa prática proporciona.

Conseqüentemente, escolhemos duas escolas de Educação Infantil do município de Mesquita com o intuito de analisar como elas lidam com essa questão. A partir disto, procuramos ouvir a opinião dos pais, professores e alunos e assim, verificar se o discurso e a prática têm caminhado juntos e se, realmente, essas instituições compreendem a verdadeira importância do brincar.

Os dados obtidos evidenciaram que a prática nem sempre está de acordo com o que o discurso prega e que a falta de espaço, a ausência de profissionais para utilizar os ambientes existentes na escola, os brinquedos sucateados e a desinformação tanto dos pais quanto de alguns profissionais, faz da prática do brincar um vilão, pois para muitos é perda de tempo ou desinteresse pelo trabalho sério de quem luta por sua realização nas escolas. Sendo assim, muito do que pensávamos ser a realidade, se mostrou diferente quando ouvimos as vozes das personagens que interagem no meio escolar.

A realização desse trabalho abriu nossos olhos e nos permitiu ver além do romantismo criado em torno desse tema. O estudo mais aprofundado nos permitiu entender o porquê de defendermos essa bandeira e de como poderemos utilizar a teoria a favor da nossa prática.

Acreditamos que esse trabalho mostrará que a imaginação, a criatividade, a fantasia, o desenvolvimento motor, a interação social, a produção de cultura, o aprendizado de regras, etc. são algumas das possibilidades que a brincadeira oferece, comprovando a real importância dessa prática, independente das condições que se apresentem no ambiente.

## SUMÁRIO

1- A CULTURA DO BRINCAR .....	08
1.1- A HISTÓRIA DO BRINCAR .....	08
1.2- O BRINCAR COMO LINGUAGEM UNIVERSAL .....	10
1.3- A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO .....	13
2- A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR.....	17
2.1- AS RAZÕES PARA BRINCAR .....	17
2.2- O BRINCAR E A ESCOLA .....	18
2.3- O BRINCAR ENTRE PAIS E FILHOS .....	23
2.4- OS BENEFÍCIOS DO BRINCAR .....	25
3- A EXPERIÊNCIA DO BRINCAR EM DUAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL .....	26
3.1- EMEI .....	26
3.2- CEMEI .....	28
3.3- UM OLHAR SOBRE O BRINCAR NESSAS ESCOLAS .....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	39
ANEXOS .....	41

## **1 - A CULTURA DO BRINCAR**

### **1.1- A História do Brincar**

O brincar está presente em diferentes tempos e lugares e de acordo com o contexto histórico e social que a criança está inserida. A brincadeira é recriada com seu poder de imaginação e criação.

As brincadeiras de outros tempos estão presentes nas vidas das crianças, com diferentes formas de brincar, porque hoje, nós temos diferentes espaços geográficos e culturais. Mas que relação podemos fazer do brincar com o desenvolvimento, a aprendizagem, a cultura e como incorporar a brincadeira em nossa prática?

O brincar é natural na vida das crianças. É algo que faz parte do seu cotidiano e se define como espontâneo, prazeroso e sem comprometimento.

As brincadeiras são universais, estão na história da humanidade ao longo dos tempos, fazem parte da cultura de um país, de um povo. Achados arqueológicos do século IV a.C., na Grécia, descobriram bonecos em túmulos de crianças. Há referências a brincadeiras e jogos em obras tão diferentes como a Odisséia de Ulisses e o quadro jogos infantis de Pieter Brughel, pintor do século XVI. Nessa tela, de 1560, são apresentadas cerca de 84 brincadeiras que ainda hoje estão presentes em diversas sociedades.

Segundo Wajskop (2007), a brincadeira, desde a antiguidade, era utilizada como um instrumento para o ensino, contudo, somente depois que se rompeu o pensamento românico passou-se a valorizar a importância do brincar, pois antes, a sociedade via a brincadeira como uma negação ao trabalho e como sinônimo de irreverência e até desinteresse pelo que é sério. Mas mesmo com o passar do tempo o termo brincar ainda não está tão definido, pois ele varia de acordo com cada contexto, os termos brincar, jogar e atividade lúdica serão usados como sinônimos.

O ato de brincar faz parte da vida do ser humano desde o ventre de sua mãe. Seu primeiro brinquedo é o cordão umbilical, onde, a partir da 17ª semana, através de toques, puxões e apertos, o bebê, em desenvolvimento, começa a criar relação com algo.

Dentro ou fora do útero, bebês gostam de brincar e nessa semana ele já deve ter encontrado o seu primeiro brinquedo, o cordão umbilical. Ele gosta de puxá-lo e segurá-lo. Às vezes ele segura tão forte que impede a passagem de oxigênio, mas ele não segura por tanto tempo, portanto, nenhum problema ocorre com essas brincadeiras.<sup>1</sup>

De acordo com que Machado (2003) diz, a mãe também brinca com seu bebê mesmo antes de ele nascer, pois fica imaginando como será ser mãe, e associa as lembranças de quando brincava com sua boneca. Assim, quando o bebê nasce, já há uma relação criada da mãe para com o bebê e do bebê para com a mãe, pois esse já reconhece sua voz. No princípio, a relação acontece como se o bebê fosse o brinquedo de sua mãe e ao interagir com ele diariamente, a criança vai aprendendo a linguagem do brincar e se apropriando dela.

Nessa relação contínua, o bebê vai se diferenciando de sua mãe e começa a criar outros parceiros, que são os outros adultos com quem ela irá interagir. Esses parceiros precisam lhe propiciar um ambiente que permita a criança ser criança e desenvolver-se utilizando o corpo e os seus sentidos, sentindo-se livre para criar o seu brincar.

Dessa forma, a criança se desenvolve através das interações que estabelece com os adultos desde muito cedo. A sua experiência sócio-histórica inicia-se nessa interação entre ela, os adultos e o mundo criado por eles, e quando os pais estimulam seus filhos durante a brincadeira, se tornam mediadores do processo de construção do conhecimento, fazendo com que seus filhos passem de um estágio de desenvolvimento para outro.

Para Winnicott (1975, p. 139), “o lugar em que a experiência cultural se localiza está no *espaço potencial* existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto)”. Dessa mesma forma ocorre o brincar, pois para o autor a experiência criativa começa quando se pratica essa criatividade e isso se manifesta primeiro através da brincadeira.

No entanto, para esse autor é importante que o adulto não interfira nesse momento, pois as descobertas e o amadurecimento que o bebê desenvolverá nesse processo serão fundamentais para o começo de sua atividade cultural. Mas,

---

<sup>1</sup> Texto retirado do site [www.e-familynet.com](http://www.e-familynet.com), consultado em 21/01/2009.

paradoxalmente, Winnicott (1975), afirma que, será necessário que o adulto esteja sempre disponível e atento ao bebê, pois a autonomia e a capacidade criadora são desenvolvidas em longo prazo, e para isso o adulto deverá estar presente sempre que solicitado, mas não de forma retaliativa nem invasiva.

É por isso que não se deve pensar que a criança é apenas aprendiz, reprodutora de cultura e conhecimento, um ser frágil e vulnerável, mas, na verdade, ela é tão sujeito quanto o adulto, ela é co-constutora. De acordo com o que Perrotti (1990) diz, podemos dizer que, conceituá-la como ser passivo é, infelizmente, normal, pois nunca se considerou que a criança possui cultura própria. Assim, para o autor, a sociedade nega que a criança possua um lugar ativo nessa cultura, sendo essa afirmativa, uma imposição do sistema que visa classificar os indivíduos segundo o nível quantitativo de produção que eles mantenham.

Segundo Perrotti (1990, p.18):

Nossa organização social é de tal modo ‘adultocêntrica’, que nossas reflexões sobre a criança e seu universo cultural correm sempre o risco de, repetindo a organização social, situar a criança em condição passiva face à cultura. Pensamos sempre na criança recebendo (ou não recebendo) cultura, e nunca na criança fazendo cultura ou, ainda, na criança recebendo e fazendo cultura ao mesmo tempo.

## **1.2- O Brincar como Linguagem Universal**

Estudos atuais têm se preocupado em observar a infância e suas brincadeiras visando compreender as formas de sociabilidade da criança e seu diálogo com a cultura adulta. Assim, percebeu-se que a criança, sua infância e sua produção cultural são dignas de serem estudadas em si mesmo e não apenas baseados no que os adultos pensam dela.

O processo de socialização que antes era entendido como uma espécie de preparação para a fase adulta passou a focar as práticas da criança e suas experiências de autonomia. A brincadeira é uma das linguagens que se destacam na infância e é através dela que a criança significa e ressignifica o mundo, constituindo suas práticas culturais.

Vigotsky (1984, *apud* WAJSKOP, 2007), afirma que, é na brincadeira que a criança consegue vencer seus limites e passa a vivenciar experiências que vão além de sua idade e realidade, fazendo com que ela desenvolva sua consciência. Dessa forma, é na brincadeira que se pode propor à criança desafios e questões que a façam refletir, propor soluções e resolver problemas. Brincando, elas podem desenvolver sua imaginação, além de criar e respeitar regras de organização e convivência, que serão, no futuro, utilizadas para a compreensão da realidade. A brincadeira permite também o desenvolvimento do autoconhecimento, elevando a autoestima, propiciando o desenvolvimento físico-motor, bem como o do raciocínio e o da inteligência.

De acordo com o que foi lido, para Sarmiento (2003, *apud* CARVALHO, 2007), o estudo das culturas infantis tem como destaque a capacidade que as crianças possuem de produzir significados a ações existentes nas culturas dos adultos.

Segundo Carvalho (2007, p.3):

As culturas infantis são constituídas por um conjunto de formas, significados, objetos, artefatos que conferem modos de compreensão simbólica sobre o mundo. Ou seja, brinquedos, brincadeiras, músicas e histórias que expressam o olhar infantil, olhar construído no processo histórico de diferenciação do adulto. Os brinquedos e brincadeiras elaborados e vivenciados pelas crianças ao longo da história da humanidade são, portanto, objeto de estudo que surgem à medida que entendemos a infância como categoria geracional sociologicamente instituída e produtora de uma cultura própria.

Baseado na história pode-se dizer que jogo, brinquedo e brincadeira representam formas singulares onde, especialmente as crianças, compreendem o mundo.

Mesmo em diferentes culturas, é possível encontrar os mesmos gestos, coreografias e brinquedos, mas estes podem apresentar diferentes roupagens. Como a brincadeira de roda, realizada em diferentes culturas, mas que se modifica de acordo com os traços culturais e o contexto social de cada grupo. Para Kishimoto (1993, *apud* CARVALHO, 2007, p. 6), “a modalidade jogo tradicional infantil possui características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade”.

As crianças possuem rituais, brincadeiras e jogos que foram transmitidos de geração em geração e compartilhados por diferentes classes sociais, rompendo as

fronteiras do tempo e do espaço. Por isso, pode-se perceber, por exemplo, a permanência do pião, da pipa, da brincadeira de roda, ensinadas por nossos avós, aprendidas por nossos pais, praticadas por nós e reproduzidas por nossos filhos, ultrapassando fronteiras e sendo encontradas em diferentes culturas, mesmo que repaginadas.

Historicamente os jogos exprimem formas sociais de organização das experiências dos seres humanos, onde por meio da brincadeira é possível experimentar o mundo. A ludicidade se concretiza na produção das culturas infantis que são constituídas na interação com a cultura mais ampla.

Para compreender a experiência da brincadeira como um fenômeno cultural é preciso perceber que as crianças percebem o mundo através das experiências que adquirem quando brincam, interagindo com outras crianças e com os adultos. Assim, ela experimenta suas emoções e elabora suas experiências. A figura do adulto funciona como referência, sendo suas ações reproduzidas, mas com um sentido próprio e essencial ao processo de apreensão do mundo pela criança.

Quando a criança brinca de “faz de conta”, se apropria da cultura ao experimentar a imaginação, a interpretação e a construção de significados para diferentes situações. Segundo Corsaro (2002, *apud* CARVALHO, 2007) quando a criança brinca de fazer de conta, ela acaba exercendo uma reprodução interpretativa dos elementos que compõem a cultura onde estão inseridas. Assim, os brinquedos interagem com a reprodução que as crianças fazem da realidade de seus contextos.

No faz-de-conta podem-se exercer diversos papéis para, dessa forma, melhor compreendê-los. E, à medida que esse processo se amplia com a participação de outras pessoas, a criança vai aprendendo a lidar com diferentes situações, a estabelecer relações entre ela e o outro, ao mesmo tempo em que se diferencia deste. As brincadeiras como cantigas de roda, cabra-cega, queimada e os diversos tipos de atividades esportivas e jogos como futebol, xadrez e damas, por exemplo, apresentam situações pré-estabelecidas, não são criadas por um indivíduo em particular.

Portanto, não expressam diretamente aspectos de suas próprias vivências. Mas nelas também a criança experimenta emoções e vivências comuns a todos os indivíduos, simbolicamente representadas, e aprende a respeitar regras e limites, a conviver com o



outro. Além disso, nas brincadeiras tradicionais, a criança entra em contato com experiências passadas, que fazem parte da história da cultura em que vive. Dessa forma, brincando – sem estar exercendo funções adultas – a criança elabora sentimentos, fantasias, angústias e medos, aprendendo, assim, a se relacionar com o mundo e a se apropriar da história do grupo social do qual faz parte e conseqüentemente, da história da humanidade.

Crianças de diferentes contextos sociais e históricos operam com essa linguagem (brincadeira e brinquedo) em sua compreensão do mundo. Isso mostra o caráter e a dimensão universal que tem essa linguagem.

### **1.3- A importância do espaço**

A urbanização, fenômeno comum desde o princípio do século passado, afetou vários países, inclusive, de maneira marcante, o Brasil. Houve uma concentração populacional em muitas cidades, determinando uma nova forma de utilização dos espaços.

As casas foram sendo substituídas por condomínios verticais, com menos espaços físicos internos e externos. As áreas privadas, e mesmo as públicas, destinadas ao lazer, têm sido substituídas por espaços produtivos mais lucrativos.

As conseqüências da urbanização pouco planejada e da falta de espaços de lazer também se refletem nas moradias cujos espaços domiciliares são inadequados para brincar. Alguns pais colocam os condomínios como uma saída para esse problema.

É importante que sejam oferecidos às crianças espaço de transmissão de cultura para que elas possam brincar e, assim terem oportunidades de criação, pois quando a criança brinca, reinventa cenas do cotidiano que a marcam, construindo sua própria história. As crianças que com frequência brincam de faz-de-conta tendem a cooperar mais com outras crianças e tendem a ser mais populares e alegres do que aquelas que não brincam de modo imaginativo.

Ao movimentar o seu corpo, a criança inventa brincadeiras e, assim, constitui o seu eu, sua imaginação e seus pensamentos. Quanto maior for a qualidade do brincar maior será o desenvolvimento cognitivo. Porém, muitos adultos limitam esse

movimento e impedem a criança de se desenvolver nesse sentido, pois consideram que uma criança que se movimenta muito e que precisa de espaço para se expressar, é hiperativa ou arteira.

Dessa forma, muitos acreditam que a criança que consegue permanecer parada, sentada em frente à televisão é a que está mais próxima da civilidade e merece maior crédito. Os adultos e as crianças que brincam juntas de faz-de-conta tendem a ter uma relação mais saudável e prazerosa.

Devido às mudanças na realidade econômica, a infância vem sofrendo uma perda no seu espaço e, assim, um processo de abandono das brincadeiras vem sendo percebido, que são substituídas por outras atividades como: assistir televisão, jogos em computadores ou videogames como forma de preencher o tempo em que ficam em casa sozinhas. Segundo Brougère (1995, p.50), “A televisão transformou a vida e a cultura da criança, as referências de que ela dispõe. Ela influenciou, particularmente, sua cultura lúdica”. Os meios de comunicação, principalmente a TV, representam um percentual muito grande de tempo na vida das crianças, a rua e os espaços públicos ou coletivos são poucos frequentados pelas crianças, e esses espaços são de suma importância para se ganhar liberdade e exercer autonomia.

O bombardeio que se tem percebido da mídia nos lares torna-se perigoso, no que diz respeito a que tipo de cidadão irá se formar. Nossa sociedade está cada vez mais sem tempo e espaços lúdicos.

Garcia (2003, p.126-127 *apud* GOMES, 2006, p.20) afirma que:

... assim, além das crianças, dos adolescentes e dos jovens atualmente não possuem o espaço da rua para desenvolver a socialização, também não possuem um rol de convivência familiar que lhes permita estabelecer maiores relações com o diferente (em idade, gênero, classe social, étnica, geracional e outros)

As transformações no mundo atual acabaram interferindo de forma negativa, no espaço, no tempo e na participação dos pais no brincar.

Os adultos deveriam valorizar esses pontos de forma positiva. Para Freud há tremenda importância à articulação entre o brincar, a criação e a arte.

Segundo Carneiro e Dodge (2007), diante dessa situação, podemos destacar quatro espaços que podem ser reconsiderados ou criados como locais onde as crianças possam realizar livremente suas brincadeiras: a observação da natureza, o teatro, a brinquedoteca e a escola.

A observação da natureza é fundamental, pois os benefícios que ela fornece são provenientes do contato com ela, a variedade de coisas que ela apresenta, descoberta das cores, formas, odores, sabores, pode ser relacionado às diferenças existentes entre os seres humanos.

O teatro também permite uma relação direta entre o público e os atores, exigindo, ainda, a criatividade para fazer cenário e figurino.

A brinquedoteca é uma opção bastante atrativa, porque tem um espaço organizado, que permite a livre escolha da criança tanto em relação aos objetos quanto a atividades.

Segundo Freud (1973, p.1344, apud MEIRA, 2004, p.84):

Não haveremos de buscar já na criança as primeiras marcas da atividade poética? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o jogo. Acaso seja lícito afirmar que toda criança que joga se conduz como um poeta, criando-se um mundo próprio ou, mais exatamente, situando as coisas de seu mundo em uma nova ordem, grata para ele. Seria injusto, neste caso, pensar que não toma a sério este mundo: pelo contrário, toma muito a sério seu brincar e dedica e ele grandes afetos. A antítese do brincar não é gravidade, senão a realidade. A criança distingue muito bem a realidade do mundo e seu brincar, apesar da carga de afeto com que o satura e gosta de apoiar os objetivos e circunstâncias que imagina em objetos tangíveis e visíveis no mundo real. Este apoio é o que ainda diferencia o “brincar” infantil do “fantasiar”.

É baseado nesse pensamento que podemos afirmar que possibilitar à criança espaço e oportunidade de expressar suas idéias, movimentos e criatividade, além da atenção que ela necessita, permitirá que ela possa se desenvolver plenamente e assim, também ser autora da cultura.

A escola é um espaço de produção cultural e, no decorrer deste trabalho, trataremos sobre as razões e a importância do brincar nesse ambiente, a presença dos pais no brincar do dia a dia e dos benefícios dessa prática nas instituições de ensino.

## **2 - A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR**

### **2.1- As razões para brincar**

Temos várias razões para brincar, pois sabemos que é extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social da criança. É brincando que a criança expressa vontades e desejos construídos ao longo de sua vida, e quanto mais oportunidades a criança tiver de brincar mais fácil será o seu desenvolvimento. Segundo Carneiro e Dodge (2007, pág. 59), “... o movimento é, sobretudo para criança pequena, uma forma de expressão e mostra a relação existente entre ação, pensamento e linguagem”. A criança consegue lidar com situações novas e inesperadas, e age de maneira independente, e consegue enxergar e entender o mundo fora do seu cotidiano.

Atualmente as crianças entendem por brincadeira os jogos eletrônicos, fazendo com que as mesmas não se movimentem e as deixando estáticas e com isso vão ficando sedentárias e obesas. Com as brincadeiras tradicionais, como, por exemplo, pular corda, elástico, pique alto, etc, fazem com que as crianças se movimentem a todo tempo, gastando energia e dando liberdade para criar proporcionando alegria e prazer.

As razões para brincar são inúmeras, pois sabemos que a brincadeira só faz bem, e só não entendemos porque em muitos lugares isso incomoda tanto algumas pessoas, pais, professores..., sabemos que o brincar é um direito da criança, como apresentado na Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente, acrescenta no Capítulo II, Art. 16º, Inciso IV, que toda criança tem o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se.

Então vimos que, a criança tem o direito de brincar pois está amparada por lei, e esta é mais uma razão para brincar, além das inúmeras que já citamos, porque o brincar favorece a descoberta, a curiosidade, uma vez que auxilia na concentração, na percepção, na observação, e além disso as crianças desenvolvem os músculos, absorvem oxigênio, crescem, movimentam-se no espaço, descobrindo o seu próprio corpo. O brincar tem um papel fundamental neste processo, nas etapas de desenvolvimento da criança. Na brincadeira, a criança representa o mundo em que está inserida, transformando-o de acordo com as suas fantasias e vontades e com isso solucionando problemas.

Para Cunha (1994), o brincar é uma característica primordial na vida das crianças, porque é bom, é gostoso e dá felicidade. Além disso, ser feliz e estar mais pré-disposto a ser bondoso, a amar o próximo e a partilhar fraternalmente, são outros pontos positivos dessa prática.

## **2.2- O brincar e a escola**

O brincar está associado à criança há séculos. Mas foi através de uma ruptura de pensamento que a brincadeira passou a ser percebida e valorizada no espaço educacional das crianças menores. No passado, o que se via era o brincar apenas como forma de fuga ou distração, não lhe sendo conferido o caráter educativo.

O brincar tem a função socializadora e integradora. A sociedade moderna cada vez mais tem sofrido transformações em relação ao brincar e ao espaço que se tem para brincar, os pais e os filhos têm pouco tempo para ficarem juntos e brincar. A escola acaba sendo a única fonte transmissora de cultura, onde ainda existem espaços para as crianças brincarem, tendo os profissionais de educação a incumbência de ensinar e resgatar as brincadeiras populares, mas não só isso, como também o jogo deve fazer parte do cotidiano das crianças, e seria usado como uma nova forma de transmitir conhecimento, pois a atividade lúdica é benéfica ao aprendizado.

De acordo com Almeida (2005, p. 5):

A brincadeira se caracteriza por alguma estruturação e pela utilização de regras. A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se quando desejar, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim existe maior liberdade de ação para as crianças.

A prática da brincadeira na escola promove aspectos diversos na criança que serão de suma importância para o seu desenvolvimento biopsicosocial, sendo imprescindível para uma formação sólida e completa.

Segundo Wajskop (2007, p.25):

A criança desenvolve-se pela experiência social nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Dessa forma, a

brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se um modo de assimilar e recriar a experiência sócio-cultural dos alunos.

O brincar vai desde a sua prática livre até uma atividade dirigida, com regras e normas. Os jogos são ótimos para desenvolver o raciocínio lógico, e também para o desenvolvimento físico, motor, social e cognitivo, e atualmente a aplicação desta nova maneira de transmissão de conhecimento é até mais fácil pelos recursos e metodologias disponíveis para o professor.

Apesar da visão renovada das possibilidades de utilização dos jogos na escola, o jogo ainda está muito distante de ser integrado realmente como recurso e metodologia. Em geral, o uso dos jogos no cotidiano escolar se restringe a atividades extremamente dirigidas, que contribuem muito pouco para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da produção de cultura.

Segundo Carneiro e Dodge (2007, p.91):

Para que a prática da brincadeira se torne uma realidade na escola, é preciso mudar a visão dos estabelecimentos a respeito dessa ação e a maneira como entendem o currículo. Isso demanda uma transformação que necessita de um corpo docente capacitado e adequadamente instruído para refletir e alterar suas práticas. Envolve, para tanto, uma mudança de postura e disposição para muito trabalho.

Mas, vamos falar do brincar pelo brincar, atualmente, só é aberto o espaço para brincar na educação infantil, e nem sempre é aceito de uma forma natural. As crianças têm que brincar, porque, brincando aprende a participar das atividades pelo prazer de brincar, sem visar uma recompensa ou temer castigo, mas adquirindo o hábito de estar ocupada, fazendo alguma coisa inteligente e criativa, experimentando o mundo ao seu redor, buscando um sentido para sua vida. Mas, mesmo proporcionando todos esses benefícios, o brincar, a atividade lúdica, nas escolas de educação infantil quase sempre são muito dirigidos, se tornando menos espontâneo, criativo e prazeroso. Além disso, temos também a cobrança dos pais no sentido de obter um trabalho com bastante conteúdo, e na fase da educação infantil, a criança deve ser menos cobrada, havendo

uma menor pressão dos pais em relação à obtenção de um trabalho com conteúdos mais estruturados. Muitas das vezes a escola não oferece oportunidades, espaços para a prática da brincadeira livre, e quase sempre, impede que aconteça. Seria valoroso que a escola se apropriasse da brincadeira, porque isso traria resultados mais relevantes e adequados às necessidades do mundo de hoje. Apesar da sua importância, a prática da brincadeira na pré-escola ainda tem “fama” de ser apenas preparatória para a escola, sem valor pedagógico ou como um passatempo.

De acordo com Borba (2007, p.34):

A brincadeira é uma palavra estritamente associada à infância e às crianças. Porém, ao menos nas sociedades ocidentais, ainda é considerada irrelevante ou de pouco valor do ponto de vista da educação formal, assumindo frequentemente a significação de oposição ao trabalho, tanto no contexto da escola quanto no cotidiano familiar.

Então, podemos dizer que isso é uma difícil tarefa a ser resolvida, porque nem sempre a instituição de ensino atribui o devido valor ao brincar, o que acontece no máximo é integrar a brincadeira fazendo uma atividade dirigida, e também depende do profissional de educação estar preparado para mudanças e usar isso no seu cotidiano.

Em outros idiomas é usado um único termo, que é o jogar, como por exemplo, em inglês (play) e em alemão (spielen).

A palavra brincar, no entanto, só existe na nossa língua. Segundo o site [www.dicionarioportugues.com.br](http://www.dicionarioportugues.com.br) (02/06/09):

Brincar significa divertir-se, folgar/ zombar, escarnecer/ proceder levemente.

Para a palavra brincadeira temos: ação de brincar, divertimento/ gracejo, zombaria/ qualquer coisa que se faz por imprudência ou leviandade e que custa mais do que se esperava.

Para recreação temos: interrupção do trabalho para descanso e higiene mental.

Para recrear temos: proporcionar recreio a, divertir, distrair.

Para jogo temos: ação de jogar, folguedo, brinco/ o que serve para jogar/ exercício ou divertimento sujeito a certas regras/ passatempo em eu se arrisca dinheiro/ divertimento publico composto de exercícios esportivos/ maneiras de jogar.

No dicionário Aurélio encontramos:

Brincar: Divertir-se infantilmente/ Divertir-se/ Dizer ou fazer algo por brincadeira; gracejar/ Divertir-se participando em folguedos carnavalescos.

Brincadeira: Ato ou efeito de brincar/ Brinquedo/ Entretenimento/ Gracejo.

Recrear: Proporcionar recreio ou prazerá; ou senti-los; divertir-se.

Recreação: Recreio.

Jogo: Atividade física ou mental fundada num sistema de regras que definem a perda ou o ganho/ Passatempo/ Jogo de azar, aquele em que a perda ou o ganho dependem mais da sorte que do cálculo/ O vício de jogar/ Série de coisas que forma um todo, ou coleção/ Conjugação harmoniosa de peças mecânicas com o fim de movimentar um maquinismo/ Balanço oscilação/ Manhã, astúcia/ Comportamento de quem visa a obter vantagens de outrem.

O que podemos perceber é que as palavras brincar, brincadeira vêm agregadas a significados positivos e negativos também. Assim, entende-se que o ato de brincar anda numa linha muito tênua entre a alegria que ele proporciona e o tom de descaso que pode aparentar.

Essa maneira de julgar a brincadeira é, de certa forma, cultural. Depois que se deixa de ser criança, brincar se torna algo proibido e inaceitável. No entanto, o que se tem visto, é a necessidade de, a cada dia, se deixar a brincadeira de lado e “levar as coisas mais a sério” com apenas alguns anos de vida.

Então essa é uma visão de que a brincadeira é uma atividade oposta a aprendizagem, ao trabalho, sendo por isso menos relevante na nossa prática e isso causa a diminuição dos espaços e tempos do brincar.

Uma questão que se tem percebido nas escolas, depois da nova lei que mudou a idade de acesso ao ensino fundamental de sete anos para seis anos, que de acordo com a LDB, art.32, “O ensino fundamental, com duração mínima de nove anos, obrigatório e



gratuito na escola pública, a partir dos seis anos...”, é de que as crianças chegam mais novas e se deparam com uma grande diferença, um verdadeiro abismo, pois na Educação Infantil eles eram estimulados a brincar e no Ensino Fundamental são reprimidos o tempo todo quando o assunto é esse.

De acordo com Toledo (2008, p.6):

A aprendizagem é comprometida, neste sentido, como algo linear e o desenvolvimento infantil constituído por etapas. Assim, até os seis anos ainda é permitido à criança brincar, porém, na Fase I a brincadeira passa a ser vista de forma negativa.

No discurso de muitos professores é possível ouvir a fala de que a brincadeira atrapalha o aprendizado. E essa afirmação é algo até popular, pois quem já não ouviu a mãe dizer: “menina, que mania feia de fazer tudo na brincadeira”.

Os próprios pais estranham o “exagero na quantidade de brincadeiras na educação infantil” e se questionam os porquês desse método.

Numa entrevista feita com um pai de aluno da educação infantil foi possível constatar essa afirmação: “Aqui não é escola, é tipo creche. As crianças vêm só para brincar, não fazem trabalhinho de ler e escrever”.

Muitas vezes, o ler e escrever são colocados na frente de outros aprendizados e mesmo que tentemos explicar que é preciso desenvolver outras áreas e amadurecê-las para o momento da alfabetização, é possível ouvir o seguinte argumento: “...mas o mundo lá fora não quer saber disso! Ele tem que ler e escrever”.

De acordo com Vigotski (1987, p.35):

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Em contrapartida aos discursos dos pais de que o aluno só vai aprender se deixar de lado a brincadeira, Vigotski afirma que a brincadeira proporciona aprendizado

fazendo com que a criança se relacione com o outro, entenda as relações humanas, seu papel nelas, construindo sua identidade.

Muitos querem separar o brincar do aprender e dizem que escola não lugar de brincadeira.

Segundo Toledo (2008, p.12):

Ao considerar as brincadeiras das crianças como algo que atrapalha a aprendizagem, a escola começa a separar os momentos que são para “aprender” dos que são para “brincar”. Porque esses momentos precisam ser separados? Porque as crianças precisam deixar de brincar para serem transformados no adulto? Porque o adulto não pode brincar?

O ambiente escolar é uma comunidade onde diferentes personagens interagem de maneira que sempre há troca de saberes. Assim, a convivência entre professores, alunos, pais e funcionários proporciona experiências inigualáveis para a vida dessas pessoas.

Segundo Wajskop (2007, p.26):

Nesta perspectiva, a brincadeira encontraria um papel educativo importante na escolaridade das crianças que vão se desenvolvendo e conhecendo o mundo nesta instituição que se constrói a partir exatamente dos intercâmbios sociais que nela vão surgindo: a partir das diferentes histórias de vida das crianças, dos pais e dos professores que compõem o corpo de usuários da instituição e que nela interagem cotidianamente.

### **2.3- O brincar entre pais e filhos**

A família é considerada a menor unidade da sociedade e pode ser considerada a primeira, mais duradoura e estável caracteriza-se como o menor grupo social que se tem conhecimento. Sendo assim, os pais ou responsáveis devem assumir o papel de mantenedores dessa célula da sociedade, provendo sustento e educação, além de transmitir valores culturais.

No entanto, a grande preocupação da maioria dos pais é com relação à educação dos filhos. Eles acham que fornecer uma boa estrutura financeira, a escolha da escola, a

moral e os bons exemplos são as mais importantes ferramentas para formar um bom caráter, mas não é apenas com regras que as crianças se tornam pessoas melhores.

A aproximação dos pais com os filhos é fundamental para o futuro das crianças. Quando os pais brincam com os filhos, podem ensiná-los a perder medos e a lidar com frustrações. É a melhor forma de ajudá-los a desafiar a vida e a vencer alguns obstáculos. Eles se sentem mais confiantes, pois têm a pessoa amada ao seu lado.

Segundo estudos recentes, 30 minutos por dia já são suficientes para ter uma criança segura, feliz e de bem com a família. Mas será que os pais conseguem dedicar e priorizar 30 minutos para o desenvolvimento adequado dos seus filhos? Em vez de dar o videogame do momento, os pais deveriam presenteá-los com algo melhor: mais tempo para os filhos. Assim, podemos dizer que não é o brinquedo que se torna o mais importante, mas o ato de brincar. O momento que família dedica ao filho, abrindo mão de formalidades, sentando no chão, mudando a voz, fazendo personagens, inventando brincadeiras, trocando de papéis.

As famílias modernas acabaram deixando a brincadeira de lado. Não há tempo. Os pais saem de casa para o trabalho antes de seus filhos acordarem e quando voltam, eles já estão dormindo. A mãe saiu para o mercado de trabalho, sobrou pouco tempo para brincar com suas crianças.

Assim, para preencher o espaço deixado por eles, os DVDs, os jogos eletrônicos, até os cursos de idiomas, esportes, etc. são usados para isso.

Os pais deveriam, no mínimo conhecer e reconhecer os benefícios que o ato de brincar proporciona às crianças. Assim, além de mudarem suas posturas, valorizariam mais o brincar dessas crianças na escola.

No entanto, é importante ressaltar que apesar dos grandes benefícios que o brincar na escola proporciona, nada pode substituir a brincadeira entre pais e filhos, pois os benefícios da troca entre os progenitores e seus descendentes geram confiança e estabilidade para que essas crianças se sintam preparadas para interagir com novas comunidades, a escola, por exemplo.

## **2.4- Os benefícios do brincar**

Em relação aos benefícios do brincar, podemos dizer que estão ligados ao desenvolvimento infantil. Tanto o brincar pelo brincar, quanto o brincar dirigido (jogos), fazem bem à criança e ao seu desenvolvimento em todos os aspectos.

Como já mencionamos anteriormente são inúmeros os benefícios causados pelo brincar, sendo eles alguns aqui citados, deixa as crianças mais felizes e alegres, bem como as diverte, desenvolve habilidades físicas, ensina a respeitar as regras, ajuda na socialização, no aprendizado, na criatividade, na relação com o próximo.

Mas cabe uma observação, é extremamente importante divulgar entre os pais, responsáveis, profissionais da educação, os benefícios que o brincar traz para o desenvolvimento das crianças. Quando as crianças são estimuladas, o reconhecimento dos benefícios tem um valor muito maior. E conforme já foi citado anteriormente, os pais podem exercer um papel importantíssimo no brincar de seus filhos.

Para finalizar, citamos Carneiro e Dodge (2007, p.201), que afirmam que:

Ao estimular as crianças durante a brincadeira, os pais tornam-se mediadores do processo de construção do conhecimento, fazendo com que elas passem de um estágio de desenvolvimento para outro. Também, ao brincar com os pais, as crianças podem se beneficiar de uma sensação de maior segurança e liberdade para exploração, além de se sentirem mais próximas e mais bem compreendidas, o que pode contribuir para o melhor desenvolvimento de sua auto-estima e independência.

### **3 – A EXPERIÊNCIA DO BRINCAR EM DUAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

#### **3.1- EMEI**

Nosso trabalho foi desenvolvido com base nas instituições de ensino onde atuamos.

A primeira escola é o EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), a escola era uma instituição de ensino privada e foi comprada pela prefeitura de Mesquita em 2006, ano em que a escola foi fundada. Ela possui 150 alunos no total, sendo seis turmas com 25 alunos cada. Sendo três para as crianças de quatro anos e três turmas para as crianças de cinco anos.

A equipe de funcionários é formada por 17 pessoas. São 5 professoras, uma professora faz dobra, 1 coordenadora pedagógica, 1 diretora, 1 supervisora, 1 auxiliar de secretaria, 2 inspetores, 1 merendeira, 1 auxiliar de cozinha, 1 auxiliar de serviços gerais, 3 vigias. A escola está com carência de Orientador Educacional, secretário e dirigente de turno.

O espaço escolar é composto por 3 salas de aula, 1 sala que é dividida em secretaria e diretoria, um refeitório onde também funciona a sala de vídeo, 2 banheiros para as crianças, 1 banheiro para adultos, 1 cozinha com estoque, um espaço em construção onde será feita a sala de professores, 1 pátio sem cobertura, com parque e casinha de boneca que estão desativados porque as madeiras apodreceram, tem também um jardim com horta que as próprias crianças plantaram e renovam todos os anos no dia do meio ambiente.

A escola possui alguns brinquedos e jogos didáticos que foram dados pela prefeitura e alguns jogos não são apropriados para a idade deles, mas a maioria dos brinquedos que se encontram na escola já chegaram usados e quebrados, porque foram doados por terceiros, mas assim mesmo as crianças brincam transformando os brinquedos em outras coisas. São bonecas que estão sem cabeça e perna, carrinhos sem rodas, bola de futebol furada, etc, isso não se torna empecilho para as crianças brincarem, eles se divertem com que tem.

As crianças não fazem questão dos brinquedos que dizem tudo, preferindo os simples onde a imaginação e a criatividade colabore. Entre um robô de última geração que fala, anda, canta..., sozinho e uma boneca de pano, acabam brincando com a boneca de pano. É que esta se torna uma mulher, uma filha, um travesseiro, uma arma, o que a imaginação alcançar.

A escola tem também uma biblioteca com livros infantis, contos clássicos todos foram dados pela prefeitura, mas as crianças não podem manusear os livros porque a gestão não deixa com receio que as crianças rasguem ou rabisquem, porque se isso acontecer o professor tem que pagar outro, então os livros são usados somente quando o professor vai contar alguma história ou outra atividade que precise.

As professoras podem desenvolver atividades livres ou dirigidas tanto no espaço das salas de aula quanto no pátio. No entanto, o espaço das salas de aula é relativamente pequeno para o número de alunos e o pátio por não ter cobertura, dificulta as atividades em dias muito quentes, pois as crianças ficam muito expostas ao sol e nos dias de chuva ficam o tempo todo dentro da sala, então o refeitório se torna a única opção para desenvolver as atividades.

Perguntamos à coordenadora pedagógica qual a posição da escola com relação ao brincar e se essa prática faz parte do currículo da escola?

*“No que diz respeito à Educação Infantil o brincar faz parte dos Parâmetros Curriculares e, conseqüentemente, está presente no currículo da escola. Não consigo pensar na educação infantil sem envolver o lúdico nas atividades, sem promover o aprendizado através das brincadeiras, enfim tentar excluir da escola o brincar seria o mesmo que tentar privar a criança de ser criança. Uma covardia!*

*Aqui na escola o brincar é muito valorizado e com certeza faz parte do currículo. Mas, vale ressaltar que esse brincar pode também acontecer com um objetivo a ser alcançado, existem várias atitudes à promover e observar em uma simples brincadeira. Em alguns momentos essa situação causa algumas confusões, pois ainda encontramos situações em que profissionais de magistério acham que esse momento de brincar é para ser transformado em momento de descanso para ele mesmo. Nada que um pouco de interesse não consiga resolver. Portanto, o brincar é de suma importância para o bom desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo da criança.”(Coordenadora Pedagógica do EMEI)*

Com a fala da coordenadora podemos concluir que o brincar é importante, mas tem profissionais de educação que precisam amadurecer esta idéia, pois não podem banalizar o ato de brincar como intervalo para descansar.

Apesar das diversas dificuldades encontradas, a escola consegue desenvolver atividades lúdicas na escola com sucesso. Além disso, os alunos parecem muito felizes e a vontade na hora de brincar.

Quando perguntado por que gostava de brincar na escola, o aluno Vagner de 5 anos respondeu: *“Gosto de brincar de carrinho. E na escola eu gosto de brincar mais, porque tem parquinho, tem brinquedo e tem casinha e em casa não tem ninguém para brincar”*. A aluna Pilar de 5 anos respondeu *“Gosto de brincar de boneca, parquinho, mãe e filho, casinha e na escola é mais legal brincar porque têm amiguinhos.”*

### **3.2- CEMEI**

O CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) possui cinco turmas de creche, sendo duas para as crianças de dois anos e três para as crianças de três anos. Além das seis turmas de pré-escola, sendo três para as crianças de quatro anos e três para as crianças de cinco anos. As turmas são compostas por 20 alunos cada e esse quantitativo foi uma vitória da direção que insistiu para que a Secretaria de Educação não colocasse 25 alunos por turma devido ao espaço das salas que é pequeno.

A equipe de funcionários é composta por 14 professores, 12 auxiliares de creche, 1 diretora, 1 secretária, 2 auxiliares de secretaria, 2 dirigentes de turno, 1 supervisora, 1 coordenadora pedagógica, 2 merendeiras, 1 auxiliar de cozinha, 2 auxiliares de serviços gerais e 4 vigias. No momento a escola está sem orientador educacional e apenas um inspetor para mais de 200 alunos.

A escola é alugada pela prefeitura de uma ONG que atuava no município há alguns anos e que encerrou suas atividades no ano anterior a fundação do CEMEI, em 2006. O espaço físico é bem amplo e possui diversos ambientes que propiciam o

desenvolvimento de diferentes atividades. Na parte da frente do terreno, há um prédio de dois andares onde se concentram a maioria das salas de aula.

No andar superior existem 3 salas onde funcionam as turmas da pré-escola (4 e 5 anos), além de 1 banheiro e 1 bebedouro. No andar térreo se localizam 3 salas com banheiro (onde só funcionam os sanitários) e filtro de água, onde funcionam as turmas de creche de 3 anos.

Numa outra construção, funciona o refeitório, a cozinha e o estoque de merenda. Há um pátio coberto onde são realizados os eventos e outras atividades, um parque de areia, uma grande mesa com bancos de concreto que é utilizada para refeição, atividades com os alunos e reuniões com os funcionários, uma piscina para adultos que não é utilizada pela escola por ser funda e não haver profissionais de educação física para desenvolver atividades específicas. Há 1 estoque para materiais pedagógicos, 1 banheiro infantil com chuveiros e sanitários, além de 1 banheiro para homens e outro para mulheres.

Na parte de trás do terreno ficam localizadas 3 construções distintas. A primeira é chamada de “casarão” onde, na parte de fora fica a lavanderia e a secretaria e na parte de dentro fica a brinquedoteca, 3 salas de aula, um banheiro com chuveiro e sanitário. Esta parte do casarão está interditado devido há problemas de infiltrações, que impossibilitam seu uso. É importante falar que devido a esse problema, 2 turmas de creche foram desativadas, prejudicando a comunidade.

Na segunda construção fica a sala da turma de 2 anos com banheiro, a sala da direção e da coordenação, 1 sala de relaxamento, utilizada para reuniões e atividades com funcionários e alunos, além de 1 biblioteca. E na última casa fica a sala de vídeo com banheiro. A escola também possui um campo gramado, onde futuramente será construída uma horta pelos alunos, mas que, por enquanto, é um espaço sem utilidade, pois o mato cresce rápido e impossibilita atividades no local. A escola possui muitas árvores frutíferas como jaqueiras, mangueiras, amendoeiras, abacateiros, pés de amora, tamarindos e acerola.

Com relação ao brincar, as professoras possuem liberdade para desenvolver as atividades lúdicas no horário do pátio. São 30 minutos diários, onde as crianças



realizam brincadeiras livres. Com relação às atividades dirigidas, essas podem ser realizadas desde que sejam pré-estabelecidas para a organização do ambiente escolhido.

A escola possui brinquedos que foram entregues pela prefeitura, doados ou adquiridos através do dinheiro arrecadado nos eventos que a escola realiza. São eles, bolas, bonecas, baldes e pás para brincar na areia, brinquedos feitos de sucata, jogos educativos, etc.

Perguntamos à coordenadora pedagógica do CEMEI qual a posição da escola com relação ao brincar e se essa prática faz parte do currículo da escola. J.V (28 anos) respondeu:

*“O CEMEI (...) acredita no brincar como uma forma de desenvolvimento e socialização da criança. Faz parte do cotidiano da escola de forma dirigida ou observatória, na qual o professor deixa a criança criar brincadeiras e as observa, intervindo somente quando necessário.”*

Perguntamos a algumas crianças de que elas mais gostavam de brincar e onde elas preferiam estar nos momentos de brincadeira: em casa ou na escola? Vejamos as respostas:

A. (4 anos) *“De futebol, carro, roda-roda, gira-gira, pintar, escolinha, massinha, parquinho. Eu gosto mais de casa porque é mais legal.”*

P. (4 anos) *“Eu gosto do Max Steel, homem de pedra. Em casa é mais legal de brincar, porque lá tem homem de pedra.”*

K. (3 anos) *“Brincar de bola aqui na escola, porque tem mais gente.”*

M. (4 anos) *“Brincar com os coleguinhas. Na escola é mais legal de brincar, porque aqui tem coleguinhas para brincar.”*

D. (5 anos) *“Eu gosto de brincar de brinquedo. Eu gosto de ficar brincando em casa por que é melhor.”*

A. (6 anos) *“Brincar de andar de bicicleta. Eu gosto de brincar em casa, porque tem mais brinquedo e na escola não dá pra andar com a minha bicicleta.”*

É curioso notar que as crianças que escolheram a escola como o melhor lugar para brincar, o fizeram porque é na escola onde estão outras crianças. Assim, eles podem trocar experiências com seus colegas e se divertirem em grupo. O brinquedo para as outras crianças é o mais importante, mas para as que escolheram a escola, o outro é o que realmente importa.

### **3.3- Um olhar sobre o brincar nessas escolas**

Ao perguntarmos a alguns funcionários o que eles achavam sobre a prática do brincar nas escolas, foi possível perceber no discurso de todos, em ambas as escolas, a importância que eles dão a essa questão. Mas antes achamos necessário perguntar se eles frequentaram a Educação Infantil.

Três profissionais entrevistados dessas escolas não cursaram. Uma disse que: *“Infelizmente não cursei Educação Infantil, pois na minha época estudei em escola pública e não era oferecido.”* Outra disse simplesmente que não cursou. Mas a última relatou que: *“Infelizmente não cursei e sei o quanto me fez falta, principalmente sobre a questão do desenvolvimento social. Eu precisava muito me relacionar com outras crianças, com outras pessoas, pois era muito tímida.”*

Comparamos esse último relato, com o de uma professora que apresentava a mesma dificuldade de relacionamento, mas que cursou Educação Infantil. Vejamos:

*“Eu comecei a frequentar a escola com 2 anos e meio de idade e sempre fui muito tímida e fechada. Chorava com frequência e me sentia insegura para me expressar com palavras. Apesar disso sempre me destacava no que gostava de fazer. A brincadeira era o que mais me marcava na escola, pois era nesse momento que eu podia fantasiar, falar (mesmo que fazendo uma personagem), me libertar dos meus medos. As brincadeiras e histórias eram meus momentos preferidos.”*  
(A.29 anos. Professora)

Podemos perceber como o brincar, através da fantasia, proporcionou a pessoa do último relato, liberdade e confiança para se sentir à vontade e poder se relacionar com outras crianças.

Quando as crianças brincam se sentem livres para serem o que desejam e se libertam de barreiras que as impedem de serem como são ou como querem ser.

Ao observar um aluno que sempre estava quieto nas aulas, e que não participava das rodas de conversa, percebi que o único momento em que ele demonstrava estar à vontade e conversava com seus colegas era na hora da brincadeira livre. Nesse momento era possível escutar sua voz. Nem nas atividades dirigidas ele participava. Somente na brincadeira livre, onde não havia a interferência de adultos, era possível perceber sua espontaneidade e prazer.

Dois responsáveis de alunos entrevistados nos fizeram perceber um fato curioso. Uma mãe que frequentou Educação Infantil e outra que não passou por essa experiência.

A mãe que cursou E.I. diz que o que mais marcou sua vida nesse período escolar foi “*as brincadeiras, a professora, o cuidado, o carinho, as datas comemorativas.*” (A.S. 29 anos) Quando perguntada sobre o que ela acha da prática do brincar nas escolas, a resposta foi: “*Acho legal. Mas a escola não é só brincadeira, tem o dever também. Eles têm que aprender.*” (A.S. 29 anos). Para finalizar, perguntamos se ela acha necessário que as crianças brinquem na escola. A.S. respondeu que “*às vezes, porque hoje as escolas deixam as crianças brincarem muito e ficam grandes e não aprendem a ler.*”

Acreditamos que o que levou essa mãe a falar assim da questão do brincar, foi a cobrança do mundo, onde objetivos imediatos devem ser alcançados. Não há tempo a perder com brincar, conversar, ouvir, pensar. Respeitar o espaço e o tempo de cada um não é possível, pois essas crianças de 4 e 5 anos precisam vencer, e a brincadeira, como vimos no capítulo anterior, anda muito próxima da irresponsabilidade e do descaso.

No entanto, há profissionais de educação que, baseado no discurso da importância do brincar, deixam as crianças sem assistência. É importante permitir que as crianças brinquem espontaneamente, pois elas precisam aprender a resolver seus conflitos, no entanto, o mediador deve estar sempre presente para, quando necessário, interferir.

No discurso da mãe que não frequentou E.I., ela respondeu que só começou a estudar no primário (atual séries iniciais do ensino fundamental) e que os momentos de brincadeira eram raros e só podiam ser praticados na hora do recreio. “*...mas não podia correr, era muito controlado.*” (E.M. 37 anos). Sobre o que ela acha de ver os alunos da escola brincando, ela diz; “*Acho legal, porque eles são muito pequenos.*” E ao

responder sobre a necessidade de brincar na escola, E.M respondeu: “*Sim é importante para as crianças se conhecerem, para se enturmarem.*”

Nessa fala, é possível perceber uma necessidade de compensação. Expliquemos. Essa mãe não teve a oportunidade que seu filho hoje está tendo e só ela sabe como esse tempo e essa vivência, da qual ela não pode desfrutar, lhe fez falta. Assim, saber que seu filho, hoje, pode brincar na escola sem ser recriminado, podendo expressar suas fantasias, sua criatividade e seus sentimentos, compensa o vazio que a sua ausência no E.I. e o “quartel” que foi o Ensino fundamental lhe deixaram. Crianças de 7, 8 anos que eram impossibilitadas de correr. Correr, ação essa que fundamenta muita das brincadeiras que conhecemos. Apesar de esse relato se tratar de momentos ocorridos há 30 anos atrás, na atualidade, infelizmente, é possível ouvir discursos desse tipo.

Nas duas escolas assistidas, era possível perceber a presença das duas práticas: atividade dirigida e brincadeira livre. No entanto, em uma delas, a importância dada à primeira, era notória. Os professores devem colocar no planejamento diário as atividades que devem ser realizadas sempre de acordo com os temas que estão sendo desenvolvidos na aula. Enquanto isso, as brincadeiras livres, não devem ser realizadas a todo tempo e nem devem preencher um horário muito extenso no planejamento. Além disso, ela só deve ocorrer 2 vezes na semana, já que as atividades dirigidas precisam ser realizadas 3 vezes na semana, dando a sensação de que só elas proporcionam aprendizado.

Outra questão percebida nas duas escolas, é a situação dos brinquedos. Muitos deles estão sucateados, pois são de qualidade inferior e tem uma durabilidade menor, ainda mais quando dezenas de crianças os manuseiam. O ideal é que a essas crianças sempre fosse oferecido brinquedos variados e de qualidade, para que a segurança delas jamais fosse colocada em risco.

Contudo, é importante dizer que a criatividade deles não fica comprometida e, em muitos momentos, os brinquedos sucateados se tornam veículos para que a imaginação seja estimulada. Nas escolas onde fizemos nossa pesquisa era comum ver carrinhos sem rodas virarem aviões, bolas estouradas virarem capacetes, blocos de encaixe virarem pratinhos e panelas para a brincadeira de comidinha. Segundo Brougère (1995,p.9), “o brinquedo não condiciona a ação da criança”.

Visto que estamos tratando do tema brincar e este ainda se dá e muito pela imaginação e criatividade das crianças, também buscamos observar como essas duas escolas trabalham a leitura dos livros que nelas estão disponíveis.

No EMEI, há uma biblioteca com livros infantis, contos clássicos, onde todos foram entregues pela prefeitura. No entanto, as crianças não podem manusear os livros porque a gestão não autorizou, pois há o receio de que as crianças rasguem ou rabisquem. A recomendação é essa, e caso algum livro seja danificado pelos alunos, o professor deve pagar outro. Sendo assim, os livros são usados somente quando o professor precisa contar alguma história ou outra atividade que julgue sua utilização necessária, desde que respeite essas regras.

No CEMEI ocorre o contrário. Como são várias turmas, a gestão separou kit's de livros que ficam em cestas dentro de cada sala de aula. A cada 2 meses há um rodízio dessas cestas. A recomendação da escola é que todos os dias os professores leiam, no mínimo, uma história para os alunos e que eles manuseiem os livros. Segundo a direção os livros foram feitos para serem tocados. Como as crianças vão ter cuidado com eles e como vão se interessar pela leitura se nunca puderem pegá-los?

Impedir a criança de manusear um livro soa tão mal quanto impedi-la de brincar ou de mexer em um brinquedo. As possibilidades que a contação de uma história proporcionam para o brincar de uma criança são inúmeras. Permitir que ela tenha contato com esse “brinquedo literário” proporciona à ela novas maneiras de brincar e assim se apropriar da realidade.

Para finalizar o questionário, perguntamos às professoras se elas acreditam que o brincar é uma prática necessária na escola. Todos foram unânimes em dizer que sim, e uma das repostas resume bem o discurso de todas:

*“Acredito que sim, pois é o sistema de educação mais completo que já conheci onde existem regras de convivência, de sobrevivência, envolve áreas como cognitivo, linguagem oral, corporal, gestual, hábitos e atitudes, desenvolvimento psicomotor, o lúdico, ... tudo! É essencial para a formação de qualquer indivíduo. É uma relação de amor deles, com eles, para eles e por eles, que marcam por toda a vida e colaboram para a construção do ser adulto”. S.M (21 anos)*

## **Considerações Finais**

Nesse trabalho, buscamos aprofundar nossos conhecimentos sobre o brincar na escola e começamos essa trajetória falando sobre a cultura do brincar. Foi possível perceber que o brincar existe desde a antiguidade, já sendo utilizado como fonte de ensino e que até os dias atuais podemos verificar que além de ser usado como fonte de aprendizagem, ele também é usado para um melhor desenvolvimento em todos os aspectos da criança.

Depois falamos sobre a importância do espaço para brincar, isso é fundamental para a construção da identidade. Podemos dizer que aquela criança que teve liberdade para brincar, criar, recriar, com certeza será um adulto bem sucedido. Vimos que nas escolas onde trabalhamos, o espaço é um fator em questão.

Nas escolas analisadas, percebemos que estas oferecem oportunidades para as crianças brincarem, mesmo sendo com um pouco de dificuldade. As crianças conseguem se expressar, criar, fantasiar e as professoras também proporcionam esses momentos, sendo colaboradoras do processo. No entanto, as escolas precisam de reformas em relação aos espaços.

No EMEI, o espaço para brincar é mínimo e limita os alunos a explorarem diferentes espaços dentro da escola, pois além da sala de aula, que é pequena, só restam o pátio, que não tem cobertura para o sol ou a chuva, ou o refeitório que, além de ser usado para servir as refeições e de já ser a sala de vídeo, em dias de chuva se torna área para recreação.

No CEMEI, o espaço é grande e amplo, mas a falta de pessoal e de manutenção impede que todos os locais sejam utilizados pelos alunos. Na piscina não há profissionais especializados, a sala de brinquedos está desativada devido infiltrações, o campo onde futuramente será feita uma horta quando não é capinado, torna inviável sua utilização, o parque de areia não possui cobertura e impede que em dias quentes as crianças o utilizem.

Infelizmente, também percebemos que a prática nem sempre está de acordo com o que o discurso prega. Em certos momentos, por falta de estrutura, mas muitas vezes, por posicionamento e escolha. Impedir as crianças de manusearem os livros que foram

destinados a elas, é um exemplo da dualidade em que muitos gestores se encontram. Como poderemos cobrar dos pais (na sua maioria pessoas que não concluíram o ensino fundamental) que eles entendam nossa opinião sobre o brincar e aceitem essa prática, quando, na direção de nossas escolas estão pessoas que estudaram, convivem e sabem o que os autores defendem como saudável e enriquecedor e, no entanto, ainda se posicionam de forma contrária.

Finalizamos este trabalho certas de que nossa prática não será mais a mesma, visto que quando demos voz aos pais, alunos e profissionais da escola, nos vimos surpreendidas pelo que essas pessoas pensavam. Achávamos que os pais não queriam que seus filhos brincassem na escola, que os alunos eram unânimes em escolhê-la como o melhor lugar para brincar e que todos os profissionais da escola defendiam a prática do brincar nas instituições de ensino.

A verdade é que generalizamos e ao ouvir o que o outro pensa, entendemos que, suas vivências e a realidade em que cada uma dessas personagens vive, influencia na sua forma de ver o mundo e de conviver nele.

No entanto, algo que para nós não mudará é a certeza de que o brincar, independente do local, dos brinquedos disponíveis e de quem o pratica, sempre será positivo e sempre gerará aprendizado, tanto como atividade dirigida quanto livre.

Visto que somos professoras de Educação Infantil, entendemos que é impossível separá-la da prática do brincar. “Sendo assim, a educação infantil deve ser pensada e baseada em uma pedagogia centrada na infância e em suas especificidades, considerando-se e contemplando o prazer que o brincar proporciona” (GOMES, 2006, p.22).

Encerramos nosso trabalho com a música Aquarela de Toquinho, porque acreditamos que a imaginação, a criatividade, a fantasia, o desenvolvimento motor, a interação social, a produção de cultura, o aprendizado de regras, etc, são algumas das possibilidades que a brincadeira oferece, comprovando a real importância do brincar.

E mesmo que nada disso fosse verdade, só o prazer que a liberdade de brincar produz, já seria por si só, um excelente motivo para praticá-la. Afinal, no findar de nossa caminhada, o sol amarelo descolorirá, o castelo descolorirá e o mundo descolorirá, e o que nos restará? Com certeza, a lembrança de quem já foi criança a brincar.

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo.  
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva,  
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva.

Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel,  
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu.  
Vai voando, contornando a imensa curva Norte e Sul,  
Vou com ela, viajando, Havaí, Pequim ou Istambul.  
Pinto um barco a vela branco, navegando, é tanto céu e mar  
num beijo azul.

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená.  
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar.  
Basta imaginar e ele está partindo, sereno, indo,  
E se a gente quiser ele vai pousar.

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida  
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida.  
De uma América a outra consigo passar num segundo,  
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo.

Um menino caminha e caminhando chega no muro  
E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está.  
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar,  
Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar.  
Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar.

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá.  
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar.  
Vamos todos numa linda passarela  
De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá.

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo (que descolorirá).  
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá).  
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo (que descolorirá).

(Aquarela, Toquinho)



## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. T. P. *O Brincar na Educação Infantil*. Revista Virtual EFArtigos. Natal/RN- volume 03- número 01- maio, 2005.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: *Brasil MEC/ SEB. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento*. \_ Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

BROUGÉRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. Revisão Técnica e Versão Brasileira adaptada por Wajskop, Gisela- São Paulo: Cortez, 1995. Coleção questões da nossa época.

CARNEIRO, Maria Ângela Barbato e DODGE, Janine J. *A descoberta do brincar*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

CORSARO 2002, *apud* CARVALHO, Levindo Diniz. UFMG -GT-07: *Educação de crianças de 0 a 6 anos*. Agência financiadora: CNPq.

CUNHA, Nyelse Helena Silva. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Paulo: Maltese, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GARCIA 2003 *apud*, GOMES, Jani Célia Santos. *Brincar: uma história de ontem e hoje*. Campinas—SP. 2006/UNICAMP (conclusão de graduação).

KISHIMOTO 1993, *apud* CARVALHO, Levindo Diniz. UFMG -GT-07: *Educação de crianças de 0 a 6 anos*. Agência financiadora: CNPq.

MACHADO, Marina Marcondes. *O brinquedo-sucata e a criança*. São Paulo: Loyola, 1994. 5ª edição.

MEIRA, Ana Marta. *A cultura do brincar*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. (Dissertação de Mestrado)

PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (org). *A produção cultural para a criança*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

SARMENTO 2003, *apud* CARVALHO, Levindo Diniz. UFMG -GT-07: *Educação de crianças de 0 a 6 anos*. Agência financiadora: CNPq.

TOLEDO, Cristina. O brincar e a constituição de identidades e diferenças na escola. In: Garcia, Regina Leite (Coord.). *Anais. II Congresso Internacional – Cotidiano: diálogos sobre diálogos*. GRUPOALFA – Grupo de Pesquisa e Alfabetização das alunas e alunos das classes populares. Rio de Janeiro, Niterói, 2008.

VYGOTSKY, L. S. apud BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: Brasil MEC/ SEB. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento.* \_ Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 35.

WAJSKOP, Gisela. *Brincar na pré-escola.* 7. ed- São Paulo: Cortez, 2007.

WINNICOTT , D. W. *O brincar e a realidade.* Rio de Janeiro: Imago, 1975.

[www.dicionariportugues.com.br](http://www.dicionariportugues.com.br) . Acesso em 02/06/09.

<http://www.e-familynet.com/pages.php/PT/000/semanas.htm> - Artigo: Desenvolvimento Fetal. Acesso em 21/01/2009.

## ANEXOS

Questionário

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Relação com a escola:    ( ) Responsável de alunos

                                  ( ) Profissional da escola

                                  ( ) Aluno

1) Você cursou Educação Infantil? O que mais te marcou dessa época?

R: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2) Você brincava na escola? Como e quais eram as brincadeiras?

R: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3) Você vê os alunos da nossa escola brincando? O que você pensa sobre isso?

R: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4) Você acredita que o brincar seja uma prática necessária na escola? Por quê?

R: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

A pintura “Jogos Infantis”, do flamengo Pieter Brueghel, de 1560, que mostra 84 atividades lúdicas.

